

“NEGA BIGA, VÉIA BASTIANA E MARIA PITÚ”: VIDAS INFAMES DE MULHERES DE RUAS NO *INSTAGRAM***“NEGA BIGA, VÉIA BASTIANA AND MARIA PITÚ”: INFAMOUS LIVES OF STREET WOMEN ON *INSTAGRAM***Regina Baracuh¹Luzineide Vieira de Sousa²

RESUMO: Este artigo insere-se nas discussões acerca da invisibilidade e discriminação enfrentadas por mulheres de ruas na cidade baiana de Jacobina, durante a década de 1970. Suas vidas foram ressignificadas no *Instagram*, particularmente no perfil do grupo @ciasaraudasseis em 2021, através da publicação do texto da historiadora Amanda dos Santos. Tendo essas vidas infames sido recuperadas por essa rede social, em condições de existência específicas no domínio da atualidade, pode-se dizer, pela discursivização dos fatos sociais, que tais mulheres escaparam ou foram tocadas pelo discurso do poder, dentro das microrrelações cotidianas, através das suas práticas mais ínfimas, uma vez que provocaram repúdio por serem curandeiras, bêbadas e transgressoras das normas sociais. Nosso foco é investigar essas narrativas infames, a partir de enunciados selecionados no *Instagram*. Para tanto, mobilizamos principalmente os postulados dos Estudos Discursivos Foucaultianos, com ênfase nas noções de sujeito, corpo discursivo, enunciado e vidas infames. Em nosso escopo teórico, utilizamos Foucault (2003), para discutir a vida dessas mulheres a partir do conceito da infâmia; bem como Jean-Jacques Courtine (2013) para pensar o binômio corpo e discurso e ainda Judith Butler (2017), com o olhar para o lugar de fala que essas sujeitas ocuparam/ocupam na sociedade. Também adotamos o método arqueogenalógico, no intuito de evidenciar como essas mulheres de ruas tiveram que alçar esforços desesperadores para permanecerem vivas e fugir do lugar que o poder determinou para elas, ao lhes aplicar a disciplina e a docilização, mas sobretudo para mostrar o deslocamento de subjetividades nas narrativas do espaço digital.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Discursivos Foucaultianos. Mulheres de rua. Narrativas infames. *Instagram*.

ABSTRACT: This paper discusses the invisibility and discrimination faced by street women in the Bahian city of Jacobina during the 1970s. Their lives were resignified on Instagram, particularly in the group profile @ciasaraudasseis in 2021, through the publication of the text by historian Amanda dos Santos. Since these infamous lives have been recovered by this social network, in specific conditions of existence in the domain of actuality, one can say, through the discursivization of social facts, that such women escaped or were touched by the discourse of power, within everyday micro-relationships, through their most minute practices, since they provoked repudiation for being healers, drunkards, and transgressors of social norms. Our focus is to investigate these infamous narratives from selected utterances on Instagram. To this end, we mainly mobilize the postulates of Foucauldian Discourse Studies, emphasizing the notions of subject, discursive body, enunciate, and infamous lives. In our theoretical scope, we used Foucault (2003) to discuss the lives of these women from the concept of infamy, as well as Jean-Jacques Courtine (2013) to think about the binomial body and discourse and also Judith Butler (2017), looking at the place of speech that these subjects occupied/occupy in society. We also adopted the archaeological method to highlight how these women of the streets had to raise desperate efforts to stay alive and escape from the place that power determined for them by applying discipline and docilization, but above all, to show the displacement of subjectivities in the narratives of digital space.

KEYWORDS: Foucauldian discourse studies. Street women. Infamous narratives. Instagram.

1 Introdução: Vidas infames: das ruas às redes sociais

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Docente Permanente do PROLING da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) E-mail: mrbl@academico.ufpb.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2867-6806>

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na área de Linguística e Práticas Sociais. E-mail: lvsousa@unpb.br. Orcid: 0000-0002-7880-5170

“Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.”

(ROSA, 1986, p. 19).

A epígrafe acima, que serve de ponto de partida para este texto, incita-nos a discutir sobre os lugares de subjetivação que definem os sujeitos inscritos em uma cultura de exclusão social, com práticas disciplinares e discursos marcados pela discriminação. Assim como o personagem Riobaldo de Rosa (1986), que olha para a vida humana acontecer, também aconteceu com as mulheres de ruas: Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú de Jacobina, todas baianas, que viveram a realidade do espaço das ruas durante a década de 1970 e se recusaram a caber em uma posição-sujeito que o poder estatal definiu para elas, a partir dos lugares sociais que eram reservados às mulheres daquela época.

Este artigo gira em torno das práticas de resistência dessas três mulheres infames, que por um acaso do presente, chegaram às redes sociais em 2021. Foucault (2003, p. 208) nos fala sobre uma antologia de existências, vidas obscuras e desafortunadas, que “se chocam com o poder, se debatem com ele, tentaram utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas”. Nesse sentido, ser infame é existir nas rupturas, silenciamentos e esquecimentos dos seus corpos nos espaços, que ousam permanecer resistindo frente ao medo, à violência, ao abandono e à injustiça de um regime social que, muitas vezes, obriga os sujeitos a viverem sob ameaças, chicote e prisão.

Essas três mulheres, marcadas pela invisibilidade das suas existências infames, eram aquelas de quem se falava mal pelas suas condutas, sendo difamadas pela população e pelo poder governamental no espaço urbano da cidade de Jacobina. Para Foucault (2003, p.210):

Sua infâmia não é senão uma modalidade da universal fama. Mas o recoleto apóstata, mas os pobres espíritos perdidos pelos caminhos desconhecidos, estes são infames com a máxima exatidão; eles não mais existem senão através das poucas palavras terríveis que eram destinadas a torná-los indignos para sempre da memória dos homens

Nessa seara de discursos transgressores, há vidas que persistem, tornam-se conhecidas e são repaginadas em outros espaços, como foi o caso de Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú. Elas tiveram suas existências ressignificadas na rede social *Instagram* por meio de narrativas que carregam consigo um fugidio trajeto da realidade que essas mulheres viveram.

Pensar sobre essas mulheres, a partir dessa aparição na rede social, é também pensar no poder que “as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido” (Foucault, 2003, p.207). Tal é esse o estado dessas sujeitas, que se não fosse a visibilidade proporcionada pelo espaço digital que recapturou suas vidas, elas teriam caído no esquecimento e possivelmente jamais seriam socialmente lembradas ou teriam deixado rastros, faíscas de suas histórias de vidas.

Considerar que a rede social é um espaço de acúmulo pela remanência dos enunciados, não é apenas dizer que eles permanecem no campo da memória ou que se pode reencontrar o que queriam dizer, mas também que se conservam graças a um certo agrupamento de técnicas materiais, segundo certos tipos de regimes e com certas modalidades estatutárias, como por exemplo, a regularidade com que a rede social subjetiva as mulheres.

De fato, os tipos de agrupamentos entre os enunciados, que definiram essas mulheres no espaço efêmero das ruas, não são os mesmos que as subjetivaram nas redes sociais. Há

modos específicos de compor, de anular, de excluir, de completar, de encaixar o comportamento de mulheres na nossa sociedade, em pelo menos dois grandes grupos dotados de singularidades: de um lado, as submissas e obedientes, dóceis ao poder e de outro lado, aquelas que redefinem essa subjetividade a partir das suas condutas de desobediência.

Para Gros (2018, p. 102):

O cínico não produz grandes discursos para explicar o que, nas tradições, lhe parece racionalmente infundado, profundamente obsoleto, absurdo, ridículo. Não se esconde para rir discretamente, consigo mesmo, da bobagem dos costumes, sem deixar de segui-los. Recusa qualquer conforto, material ou moral, passa a existência a ladrar contra a estupidez social, e é levando essa vida de cão que ele denuncia a hipocrisia, que ridiculariza qualquer hierarquia. Exige que sua vida seja a mais despojada possível de qualquer aparato sufocante, de qualquer supérfluo sociocultural que a sobrecarregue; faz sua vida mais leve.

As mulheres baianas resistiram pela desobediência (Gros, 2018), pois estiveram sujeitas às normas vigentes daquela época, mas não sucumbiram à obediência do poder, que procurava reduzi-las a um corpo biológico, como forma de disciplinar e docilizar suas condutas. Sobretudo, pelas práticas disciplinares que eram aplicadas para elas.

Optamos por estudar essas mulheres de ruas, que chegaram às redes sociais, em busca de compreender a teia de invisibilidade/visibilidade que as envolve, os poderes que determinam que ocupem determinados lugares na sociedade e não outros e o olhar da sociedade para essas sujeitas de ruas hoje. E nessa direção, lançar uma visada arqueogenealógica sobre enunciados proferidos a respeito dessas mulheres de ruas, a partir dos quais essas vidas puderam ser discursivizadas, uma vez que os enunciados históricos, que povoam a rede social, aparecem com um novo referencial e com uma nova função enunciativa. Para Gregolin (2008, p.98):

Não basta qualquer realização material de elementos linguísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a existir. Porque o que torna uma frase, uma proposição, um ato de linguagem em um enunciado é justamente a função enunciativa: o fato de ele ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado.

Interessa-nos compreender como essas mulheres de rua, que viveram no silêncio e esquecimento das suas existências na cidade de Jacobina-BA, provocaram o poder. Isso direciona o nosso fio condutor em investigar, através da análise de um conjunto de enunciados, as experiências nas ruas, os inconvenientes, os enfrentamentos com o poder dessas “vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras” (Foucault, 2003, p. 203), como foram as de Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú, que de fato existiram no espaço das ruas, mas somente ao entrarem no crivo da narrativa contada, ao aparecerem em uma página do *Instagram* com relatos sobre suas desfortunas e atos de certa desobediência praticada, é que tiveram seu encontro com o poder (midiático) e entraram para a história. O aparecimento dessas três mulheres, nesse domínio de atualidade da rede social, serve-nos como ponto de reflexão sobre os discursos que trazem uma singularidade histórica e sua transformação na dispersão temporal.

É pela lente dos Estudos Discursivos Foucaultianos que se insere nosso olhar sobre a problemática das mulheres de ruas de Jacobina-BA. Nesse caso, traçamos essas palavras, sobretudo, por meio dos conceitos teóricos e procedimentos analíticos que robustecem a área discursiva, fazendo esse caminho da travessia que vai da arqueologia para a genealogia, a fim de escrutinar o leve burburinho dessas vidas.

Desse modo, tomamos como base o texto “**A vida dos homens infames**”, de Michel Foucault, em que ele se debruça sobre sujeitos de vidas obscuras, como ele próprio justifica:

quis também que essas personagens fossem elas próprias obscuras; que nada as predispusesse a um clarão qualquer, que não fossem dotadas de nenhuma dessas grandezas estabelecidas e reconhecidas – as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo, ou do gênio; que pertencessem àqueles milhões de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios, alguma coisa de cinzento e de ordinário em relação ao que se considera, em geral, digno de ser relatado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de medonha ou lamentável grandeza. (FOUCAULT, 2003, p. 207).

Há que se considerar, então, que possivelmente elas não teriam seu lugar de existência na história oficial, não fosse esse jogo das circunstâncias que, contra qualquer expectativa, atraiu a atenção sobre suas vidas, “que só sobreviveram do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos” (Foucault, 2003, p. 210).

É importante ressaltar que a produção deste texto faz parte da nossa pesquisa do Doutorado, que trabalha com narrativas do *Instagram* sobre mulheres de rua de Jacobina-BA, e é orientada pela professora doutora Regina Baracuhy (PROLING/UFPB). No começo da nossa pesquisa, encontramos a publicação do texto da historiadora Amanda dos Santos (exibido em citação posteriormente), que aborda as histórias de três mulheres infames, cujas vidas adquiriram espessura histórica com o que sobre elas foi dito em uma dada rede social, ou como diz Foucault (2013, p. 209), “a não ser pelo abrigo precário dessas palavras”.

Por esse motivo, analisar os discursos sobre essas sujeitas que viveram nas ruas é olhar para os atravessamentos que constituíram suas existências, como a violência contra elas pela população e pelas autoridades locais, o estupro, a prisão, a fim de constituir um arquivo e perseguir as séries enunciativas que denunciam práticas existentes, ‘vivas’ nos discursos da atualidade.

Ao trabalhar com essa perspectiva arqueogenealógica foucaultiana, podemos analisar acontecimentos discursivos para compreender o enunciado em sua singularidade, em sua irrupção histórica, por isso é que Foucault (1999, p. 26) nos ensina que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

A análise enunciativa busca compreender a aparição dos enunciados em condições específicas de produção, sua correlação com outros enunciados, os jogos de objetivação e subjetivação, as práticas de resistência e liberdade, estabelecendo múltiplas e diferenciadas relações, onde o poder opera um esquadrinhamento do campo social. O enunciado não é a

materialidade linguística, mas pode se manifestar tanto através dela, quanto de outras formas semiológicas. Mais que apenas uma estrutura, o enunciado é

uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] Ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2010a, p. 98).

Essa função se exerce atrelada a um domínio associado, pois todo enunciado “tem sempre margens povoadas por outros enunciados” (FOUCAULT, 2010a, p. 110). Dentro de um campo adjacente, os enunciados dialogam entre si, estabelecem relações de sucessões, retomadas, transformações, atualizações. Devemos, pois, justificar a inexistência de um dizer original e completamente inédito a partir desse terreno de inúmeras proporções que abriga o conjunto de tudo o que foi dito pela humanidade, inclusive o que se perdeu no esquecimento.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo; ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (FOUCAULT, 2010a, p. 112).

Entendendo, a partir do exposto, que o enunciado é “um nó em uma rede”, pretendemos analisar, um pouco mais adiante, como alguns enunciados relativos a acontecimentos ocorridos na década de 1970 em Jacobina- BA estabelecem relações de transformação, ruptura, deslocamento, exclusão, memória, esquecimento, ao serem discursivizados no Instagram.

Em nossa sociedade contemporânea, eclética, plural, cujo cotidiano dos indivíduos é constantemente invadido pela tecnologia eletrônica de massa digital, o Instagram se constitui em um espaço que permite o compartilhamento de imagens, produtos e serviços, a partir de vídeos longos (IGTV e Reels) e curtos em dois formatos de postagens: o feed e os stories. Além de consumir e publicar os conteúdos que se encontram no *Instagram*, os internautas podem curtir, descurtir, comentar e compartilhar os vídeos divulgados. Desse modo, esta rede social serve de palco para conhecimento, discussão e armazenamento de acontecimentos sociais por parte dos seus/as usuários/as, tornando-se um terreno fértil para as articulações entre mídia digital e produção de subjetividades.



Entendemos o Instagram como um espaço heterotópico, posto que se caracteriza como

um tipo de contra-espacos, um tipo de utopias efetivamente realizadas nos quais os espacos reais, todos os outros espacos reais que podemos encontrar no seio da cultura, são ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, tipos de lugares que estão fora de todos os lugares, ainda que sejam lugares efetivamente localizáveis. Esses lugares, porque são absolutamente diversos de todos os espacos que refletem e sobre os quais falam, eu os

chamarei, por oposição às utopias, de heterotopias. (FOUCAULT, 2001a, p. 415)

Nesse espaço digital, o texto publicado por Santos (2021) condensa uma narrativa sobre as mulheres de rua, que talvez não pudessem ocupar esses lugares de fala na década de 1970, mas que agora foi possível, uma vez que os enunciados permitem essa retomada da história e podem ser ressignificados no tempo presente; contudo, eles sempre retornam em outras roupagens, com um novo referencial e uma nova função enunciativa.

Trazemos, a seguir, os enunciados na materialidade do fluxo de palavras do texto:

[ciasaraudaseis](#) Olha só que lindeza e que potência de reflexão de Amanda dos Santos [@amanda.dosanto](#) sobre A Rua dos Encantados/LEIAM O TEXTO  

Quantos encantados e encantadas transitam pelo território da Diamantina?! Quantos corpos negros e indígenas construíram, debaixo de açoite e sol fervente, igrejas, casarões e estradas reais, na vila de Santo Antônio das Jacobinas? E de tanto trabalhar, não morreram, se encantaram! Isso aqui é terra colonial e o centro dessa cidade tem o cheiro do sangue das minhas ancestrais. E foi bem ali mesmo, na encruzilhada da opressão que Nega Biga, Bastiana e Maria Pitu, no meio do redemoinho, contaram suas histórias de dor, revolta e poder, no mundo dos encantados. Biga, mãe solo, sem teto, vaga pelas ruas com o filho morto nas costas, em busca de um lugar para enterrá-lo. Mas, como fazê-lo em terra de donos, senhores do ouro, do gado e das fazendas? Pela rua mesmo, o povo da encantaria vai dizer pro seu coração onde estará o melhor terreiro, pro menino voar, virar passarinho, se encantar.

Bastiana, veia curandeira, chega cuspidando fogo pelas ventas pra chamar de MOLEQUES esses homens que estão a remexer as nossas terras por baixo e alertando que aqui por cima tá ficando “desinquieta”. “Quando tudo isso aqui desmoronar, vocês vão comer ouro?” Pra não pitar com a previsão, um alecrim e um defumador podem ajudar a acalma Já Maria Pitu chega daquele jeito que todo mundo conhece: fechando!

Chega Bêbada, dançante e virada na giraia com os filhos saudáveis do patriarcado que colaram a sua vagina com super bonder. Não, não eram monstros. Vingativas, todas as Marias que habitam aquele corpo denunciam, em meio a gritos e muito choro, o estupro, o feminicídio, o aborto dos homens e toda a violência patriarcal a que estão submetidas mulheres pretas em situação de rua e tantas outras. A voz dessas três mulheres ainda ecoa na minha cabeça e o que eu desejo é que cada cidadã, cada cidadão dessa cidade e de outras ouça com bastante atenção o que elas têm a dizer. É isso, a nossa história precisa ser ouvida, porque já está sendo contada e encantada! (SANTOS, 2021, n.p.).

Extraímos do texto acima, três enunciados discursivos, selecionados por suas singularidades e efeitos de raridade. Fragmentos discursivos que resgatam lampejos das vidas de nossas protagonistas baianas. Segundo Courtine (2013, p.157), toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe, para o indivíduo, a existência de uma memória

visual, de uma memória das imagens. Dito de outra maneira, toda imagem está inserida dentro de uma série enunciativa em um caleidoscópio de intericonicidade, isto é, de uma rede de reminiscências pessoais e de memórias coletivas que religam as imagens umas às outras.

2 Por uma arqueologia dos enunciados: Nega Biga, Vêia Bastiana e Maria Pitú

Ao lançar um olhar para esses discursos atravessados e constituintes dos modos de subjetivação dessas mulheres infames, cremos que suas condutas de desobediência e recusa às subjetividades impostas pelo poder estatal, que as definiu e as julgou, estão inseridas em um imaginário cultural que as silencia e as estigmatiza.

Ao analisarmos o texto publicado na rede social Instagram, na perspectiva discursiva, nossa atenção debruçou-se sobre as práticas cotidianas de Nega Biga, Vêia Bastiana e Maria Pitú no espaço geográfico das ruas de Jacobina-BA, durante a década de 1970 e como elas foram discursivizadas em 2021, com o intuito de dar a conhecer essas novas subjetividades que a narrativa digital traçou para elas.

2.1 No discurso, na imagem: Nega Biga

Figura 1 – Entre discurso e corpo: enunciados que ecoam



Pietà (1499),
estátua de
Michelângelo.
Representa Jesus
morto nos braços
da Virgem Maria.

Fonte: Observatório do Discurso, 2021.

Biga, mãe solo, sem teto, vaga pelas ruas com o filho morto nas costas, em busca de um lugar para enterrá-lo.

Este enunciado se liga em cadeia a uma profusão de outros enunciados verbais e/ou não-verbais sobre a maior desventura de uma mãe, que é a de enterrar um filho. Podemos

pensar, a partir de uma história descontínua, que as bordas enunciativas dialogam com a Virgem Maria ou Pietá dos nossos tempos, uma figura considerada como símbolo do Cristianismo e que retorna para a (re)constituição da identidade de Nega Biga, de forma que atravessa e intersecciona uma memória visual enraizada nos fatos da história oficial, dispersa culturalmente na nossa sociedade.

Nessa convergência dos enunciados, cruzam-se sentidos imemoriais da mulher mãe, afetuosa, altruísta, assim como incita outras subjetividades, a serem pensadas a partir de uma perspectiva feminista, que questiona os múltiplos papéis que as mulheres podem ocupar socialmente (além de mãe, esposa e reprodutora) e a que tipo de subjetividades elas estão expostas dadas às suas condições sociais.

Outro enunciado, que pode ser retomado, é a tragédia de Sófocles, escrita em 441 a.C., na figura de Antígona, símbolo da revolta e contestação da ordem social. A despeito da proibição do rei, ela tenta enterrar seu irmão, para que sua alma insepulta não fique vagando, e legítima sua desobediência com o respeito às leis da tradição familiar grega. De forma análoga à heroína grega, a conduta de Nega Biga, que também procurou incessantemente um lugar para sepultar seu filho, é fruto de uma tragédia do cotidiano, com o abandono e o sofrimento impostos às mulheres que moram nas ruas. Para Gros (2018, p. 84): “a tragédia é a necessidade duplicada da impossibilidade de escolher”. Em ambos os casos, Antígona e Nega Biga, descortina-se o choque frontal entre dois dispositivos de saber-poder que legitimam (ou não) verdades e práticas sociais: o familiar e o jurídico, este último representado pelo Estado, que tem o dever cívico de cuidar da vida da população, mas no caso dessas mulheres, condenou-as à dor, ao escárnio público e à exclusão social.

Ao enfrentar o silêncio e a indiferença do poder, Nega Biga transgrediu as normas e praticou a ação de enterrar seu filho ali mesmo na rua dos encantados³. As condutas subversivas dessas duas mulheres contrariaram o poder do Estado e, ao se chocarem com ele, pagaram com a morte um preço alto pela “desobediência trágica” (Gros, 2018, p.84).

2.2 Um grito, uma voz de quem se calou: Véia Bastiana~

“Quando tudo isso aqui desmoronar, vocês vão comer ouro?” Esse enunciado, em que a Véia Bastiana dialoga em confronto com o poder público, expõe a falta de credibilidade à voz de uma mulher *infame*, moradora de rua, e sua interdição social com o silenciamento do seu lugar de fala. Ao ser subjetivada como louca pela população local e, portanto, não ser escutada em seus anseios, perpetua-se a interdição pela loucura (Foucault, 1999) da mulher que não pode ser ‘controlada’, sendo balizada, legitimada pelo discurso médico sua insanidade mental (histórica). Esse castigo de ser silenciada, para a mulher transgressora, encontra guarida no discurso religioso, a partir da matriz do Cristianismo, numa passagem bíblica: 1 Coríntios 14:33-35, em que o apóstolo Paulo diz que as mulheres não deveriam falar em público.

Foucault, ao propor sua analítica do poder, nos leva a refletir sobre essas relações assimétricas, em que “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (Foucault, 1999, p. 9) por conta das coerções sociais que sofrem os discursos. Citemos o exemplo de Marielle Franco, que confrontou o poder a partir da sua representação política de mulher, negra e homossexual e pagou com sua própria vida. Os discursos são controlados socialmente para “conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 1999, p. 9). Cada época produz suas verdades.

³ A rua dos encantados aparece no texto publicado e refere-se a rua do centro da cidade, interligada ao cemitério de Jacobina-BA.

Partindo para o terceiro e último enunciado de análises, pensamos em Jean-Jacques Courtine e Claudine Haroche (1988), que nos impelem a refletir sobre a intericonicidade.

2.3 Corpo e discurso: Maria Pitú

Figura 2 – A (des)obediência de Maria Pitú



Fonte: Imagens do Sertão-Osmar Micucci, 1970

Chega bêbada, dançante e virada na giraia com os filhos saudáveis do patriarcado que colaram a sua vagina com super bonder.

Esse enunciado articula-se, em seu domínio associado, a um feixe de outros enunciados, em que as relações de poder são investidas no corpo biológico da mulher, quando ela adota condutas desobedientes ou transgressoras às normas vigentes, sobretudo quando se trata de mulheres invisíveis, confinadas ao espaço público da cidade, segmentado em sua organização arquitetônica.

Essas mulheres baianas da década de 70 eram punidas com a correção exposta em seus corpos. No caso de Maria Pitú, a sua desobediência foi violentamente estampada na sua genitália, ou seja, a sua vagina foi colada com *Superbond* (um adesivo instantâneo com alto poder de fixação) como forma de castigo e interdição do sexo. O fragmento enunciativo acima revela o discurso autoritário, discriminatório, excludente do poder sobre as mulheres e estabelece uma classificação para a mulher de rua dada pelo sistema de valores (a)morais: vagabunda, prostituta, bêbada, o que legitima a violência social exercida sobre elas.

Elas foram castigadas, desvalorizadas e receberam repressão e punições pesadas, por terem encontrado nas ruas um lugar para viver suas “subjetividades libertárias”, onde elas tiveram a coragem de forjar para si identidades transgressoras. Entendemos que inexistente liberdade absoluta, ela é sobretudo uma prática que se manifesta nos embates, nas resistências

e nas várias possibilidades de agir diferentemente em relação às tentativas de condução do poder público.

Ao pensarmos em uma cultura visual de imagens de mulheres que subverteram a ordem no Nordeste brasileiro, vêm-nos à mente uma manchete de jornal da década de trinta, proferida após a morte de Maria Bonita, cangaceira, esposa de Lampião: “foi abandonada com as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado na vagina”.

Os dois enunciados sobre as duas ‘Marias’ fazem parte de um dispositivo patriarcal perverso que justifica, por exemplo, o alto número de feminicídios e a crescente violência contra a mulher atualmente em nossa sociedade.

O acontecimento discursivo, que trouxe novas possibilidades de subjetivação para essas mulheres, da infâmia à inspiração (exemplos de mulheres fortes, guerreiras, “chegam fechando”), foi a hipervisibilidade da página do *Instagram*. A web, enquanto espaço heterotópico, pode reverter a invisibilidade desses corpos e expor as “mazelas sociais”, deslocando-os para a história do presente, a fim de jogar luzes e dar voz à infâmia ao reatualizar essas memórias urbanas.

Foucault (2010) nos diz que o poder se espalha no tecido social, se manifesta nas microrrelações da realidade, é difuso e munido de positividade, pois produz discursos e sujeitos, encorajando-os a pensar, falar, agir fora da zona de conforto. “Onde há poder, há resistência!” (Foucault, 1998, p. 91). Pelo delineamento das relações de poder no quadro biopolítico social, é precária a vida de mulheres pobres, que vivem nas ruas, a quem o Estado negligencia os direitos de cidadã. Segundo Butler (2022, p. 159):

o que nos vincula moralmente tem a ver com a forma como somos endereçados pelos outros de maneiras que não podemos evitar ou prevenir: esse impacto pelo endereçamento do outro nos constitui primeiramente contra nossa própria vontade ou, talvez posto de maneira mais apropriada, antes da formação da nossa vontade.

Nessa perspectiva, podemos compreender como Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pitú vivenciaram a ausência de um gerenciamento governamental que pudesse ampará-las, além do mais, foram apartadas de políticas públicas inclusivas que pudessem beneficiar suas vidas e lhes dar condições dignas de existência.

3 Considerações finais

O olhar foucaultiano se volta para a história das vozes infames, com o foco voltado para aquilo considerado periférico, menor, marginal, fronteiro. Sua obra, como diz o paraibano Durval Muniz Albuquerque Júnior, “fez aparecer uma nova geografia de nosso pensamento e de nossas práticas ao ir buscar naquilo que é desviante, criminoso, invisível, ameaçador, as próprias operações fundamentais de constituição do que somos e daquilo que fizemos e fazemos de nós mesmos” (2008: p.9).

Este breve ensaio convida o leitor a (re)pensar os diagramas de força, de agenciamentos de regimes de verdade e de práticas de resistência e liberdade, com seus jogos de luz e sombra, que se digladiam do espaço urbano às redes sociais. Michel Foucault, ao propor a sua “cartografia das margens”, nos impele a refletir sobre até que ponto somos co-responsáveis pela

produção ou reprodução das estruturas de poder que agenciam as práticas e estratégias que constituem os espaços de exclusão e segregação social.

Ao longo deste texto, buscamos discutir sobre os deslocamentos discursivos operados entre o espaço geográfico das ruas de Jacobina - espaço da invisibilidade e exclusão social - e o espaço heterotópico da web, que revisitou as vidas infames das mulheres baianas e lhes possibilitou novas subjetividades.

Entre as ruas e as redes sociais, há um apelo urgente para tirar as mulheres de ruas das sombras da marginalização. De acordo com Gregolin (2008, p.26):

Tendo como ponto central a *arqueogenealogia* de Michel Foucault, o discurso é tomado como uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Pensando a mídia como *prática discursiva*, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetos históricos de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia.

Quisemos também mostrar práticas conservadoras que exibem a intrínseca relação entre os sujeitos, os poderes e os discursos, em um dispositivo patriarcal que legitima a violência contra a mulher, sobretudo as que não têm voz nem vez socialmente.

Não fosse o feixe de luz midiático do Instagram, que conferiu a essas mulheres outros estatutos sociais, suas vidas imperceptíveis não encontrariam espaço para a narrativa de suas práticas de liberdade nas ruas de Jacobina. A elas, não seria reservada nenhuma grande glória, no entanto, Nega Biga, Véia Bastiana e Maria Pítú tiveram a graça de chegar à rede social e terem (res)significadas as suas vidas de resistências.

Referências

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz.; VEIGA-NETO, Alfredo.; SOUZA FILHO, Alípio de. (orgs.) **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Estudos Foucaultianos)
- BUTLER, J. **Caminhos divergentes**: judaicidade e crítica do sionismo. Tradução de Rogério Bettoni. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BUTLER, J. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução de Andreas Lieber. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- COURTINE, J-J.; HAROCHE, C. O homem perscrutado: semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Sujeito & texto**. São Paulo: EDUC, 1988.
- COURTINE, J-J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.
- COURTINE, J-J.; PIOVEZANI, C. (org.). **História da fala pública**: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

- FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. *In*: FOUCAULT, M. (org.). **Ditos e escritos IV: Estratégias, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p. 203-222.
- FOUCAULT, M. Outros Espaços. *In*: MOTTA, Manoel Barros da. Foucault. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. **Coleção Ditos & Escritos III**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a, p. 411-42.
- FOUCAULT, M. Resposta a uma questão. *In*: MOTTA, M. B. (org.). Michel Foucault: Repensar a Política. **Coleção Ditos & Escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 1-24.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, 2007.
- GREGOLIN, M. R. J-J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. *In*: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. F. V. (org.). **Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 21-36.
- GROS, F. **Desobedecer**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SANTOS, A. **Bigas, Marias e Bastianas e a nossa vez de falar**. Instagram, [S. l.], 25 fev. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CLuCAgNBjuu/?hl=pt-br>. Acesso em: 05 jan. 2023.

Recebido em: 04/06/23

Aceito em: 29/08/23